

• **Nacional**

Sammy

CONVERSA AO PÉ DO RÁDIO

“Xingó é uma demonstração concreta de que estamos realizando uma transição”

O presidente José Sarney afirmou sexta-feira em seu programa *Conversa ao Pé do Rádio*, que a hidrelétrica de Xingó é uma necessidade urgente para que o Nordeste não sofra racionamento de energia. “Embora pareça mais uma obra de transição política, Xingó é uma demonstração concreta de que também estamos realizando uma transição noutro setor, no setor da administração pública”, afirmou o presidente. Sarney falou ainda da reunião informal do Conselho da República, criado pelo artigo 89 da Constituição, explicando que governo e Congresso, independentemente de partidos, estão juntos para debelar as dificuldades.

A seguir, a íntegra do pronunciamento.

“Brasileiras e brasileiros, bom dia.

Aqui vos fala o presidente José Sarney, em mais uma conversa ao pé do rádio, como acontece em todas as sextas-feiras. Hoje, dia 16 de junho de 1989. Quero começar revivendo as emoções de ontem, no Nordeste, onde estive para inaugurar a ponte Delmiro Gouveia sobre o rio São Francisco, ligando Sergipe a Alagoas. Ela faz parte do complexo da hidrelétrica de Xingó, cuja construção foi iniciada no meu governo. Há dois anos estive naquele local para dar início às obras da usina, que representa a última etapa do aproveitamento da energia hidrelétrica do rio São Francisco.

Devia ser a primeira hidrelétrica a ser construída no São Francisco, mas está sendo a última. E devo afirmar que só começou porque o presidente da República é um presidente do Nordeste, que conhece os problemas do Nordeste. Foi diante da crise da energia em que encontrei o Nordeste em 1985 que, imediatamente, mandei iniciar as obras de Xingó. E devo ressaltar que há trinta anos que elas se encontram apenas em projeto. Depois de concluída, Xingó será menor apenas que Itaipu e Tucuruí, entre as hidrelétricas brasileiras. Xingó, porém, não é uma obra pessoal ou de fachada. É uma necessidade urgente para que o Nordeste não sofra nenhum racionamento.

Basta dizer que hoje, se não tivéssemos concluído Itaiparica, se não tivéssemos feito o linha ligando Tucuruí ao sistema energético da CHESF, hoje, o Nordeste teria 40% de racionamento, porque só Tucuruí e Itaiparica respondem, hoje, por 50 por cento do consumo da energia elétrica do Nordeste. Mas eu quero ressaltar que a marca do nosso governo, ao iniciar a hidrelétrica de Xingó, que não vai ser concluída agora, somente em 1992, como outras obras que temos feito em termos de futuro, significa que nós não estamos pensando somente no dia de hoje, mas pensando, sobretudo, no Brasil de amanhã. Embora pareça mais obra de transição política, Xingó é uma demonstração concreta de que também estamos realizando uma transição noutro setor, no setor da administração pública.

Ontem, no Nordeste, fiz um balanço dos avanços dessa travessia de desenvolvimento econômico que tentamos realizar naquela região. Devo lembrar que Itaiparica estava atrasada. Nós tivemos de pagar todas as dívidas de Itaiparica, recomenciar as obras, fazer a mudança das populações. Ela começou a produzir e está produzindo 1 milhão de kilowatts e interligada com o sistema de Tucuruí na Amazônia. A energia elétrica no Nordeste é absolutamente necessária, não só para o sistema industrial quanto para a parte da agricultura, como, por exemplo, dar suporte ao sistema de irrigação — sistema de irrigação que vai muito bem, como todos os projetos que estamos implantando no Nordeste.

E a energia elétrica viabilizará a continuidade do projeto de irrigação. Em 1988 foram criados, só no Nordeste, 137 mil novos empregos, graças à irrigação. O Nordeste está exportando hoje frutas e outros produtos agrícolas das áreas irrigadas não somente para o Brasil, como para o mercado europeu e para os Estados Unidos. E nos próximos dias o Ministério dos Transportes, também em outro setor, publicará um edital de construção do primeiro trecho da Ferrovia Transnordestina, um complexo do sistema de transporte da região, cujos portos estão sendo reaparelhados.

Ontem mesmo, em Aracaju, visitei as obras do porto da capital sergipana, porto iniciado no meu governo e uma das maiores obras que estão sendo desenvolvidas neste país e que está com 70% de toda sua construção pronta. Essa obra do porto de Aracaju era uma obra pedida pelos sergipanos há mais de 130 anos, quando a capital mudou-se de São Cristóvão para Aracaju. Também

em Sergipe tive oportunidade de dizer aos sergipanos, ao inaugurar o pólo cloroquímico, que essa obra, juntamente com o porto, mais as fábricas de eteno e a ampliação das fábricas de amônia e uréia, irá transformar Sergipe, sem dúvida, em um grande estado.

Essa viagem de trabalhos a Alagoas e Sergipe permitiu-me verificar que o Nordeste, o meu Nordeste, continua com seus problemas, mas estamos realizando aquilo que é possível realizar. Em Xingó, em Delmiro Gouveia, tivemos a oportunidade de inaugurar o museu Delmiro Gouveia, que é uma obra representativa da cultura e da memória nacional em pleno coração do Nordeste e, por outro lado, também, entregar à população daquela região 700 casas do lado de Alagoas e 150 casas do lado de Sergipe, o melhor hospital regional e o melhor centro educacional também da região, além de uma outra escola padrão, para justificar e dar consequência ao programa do governo que é, ao mesmo tempo, de realizar grandes obras sem esquecer o problema social. Está presente o problema social, que tem que ser resolvido.

Outro assunto é que na quarta-feira, dia 12, presidei uma reunião do Conselho Superior de Política Nuclear, do qual participaram não só os ministros como outros funcionários do governo e cientistas. Como todos sabem, implantamos no governo uma nova política nacional de energia nuclear baseada em três princípios básicos: unificação de programas, que antes eram divididos em áreas distintas, transferência das usinas nucleares para o setor elétrico e transparência total das decisões e intenções do governo para que não haja qualquer dúvida por parte da população. A energia nuclear será utilizada para fins pacíficos.

Na reunião de quarta-feira, tratamos da questão dos rejeitos nucleares, discutindo também o caso, por exemplo, de Goiânia, com o problema do césio, quando equacionamos esse problema estabelecendo condições, enviando ao Congresso, projeto para crédito especial de modo que esses rejeitos tenham sua destinação definitiva. Também estamos mandando para o Congresso dois projetos: o primeiro regulando esse assunto e o segundo estabelecendo a política nuclear brasileira. Para terminar, quero dizer que convoquei esta semana uma reunião informal do Conselho da República, criado pelo Artigo 89 da nova Constituição e ainda não regulamentado.

Com a presença dos presidentes da Câmara e do Senado e dos líderes que representam a maioria do Congresso, apresentei-lhes um quadro da situação econômica do país visando uma atuação harmônica, melhor entrosada dos poderes da República. Neste momento em que estamos atravessando dificuldades, nunca precisamos tanto de uma visão conjunta e de responsabilidade entre o Poder Executivo e o Poder Legislativo, como agora.

Todos sabem que a Constituição ampliou sensivelmente as prerrogativas do Congresso, da mesma forma que a Presidência da República perdeu a sua antiga característica de poder imperial. Somos, portanto, o governo e o Congresso, coresponsáveis dos destinos da nação. Os ministros da área econômica apresentaram um quadro da situação e demonstraram que não há qualquer razão macroeconômica que autorize a expectativa de hiperinflação no País. A situação está sob controle.

No entanto, as causas da inflação não são apenas econômicas e há fatores políticos e sociais de grande influência, sobretudo a respeito das expectativas. É preciso que se revertam essas expectativas de pessimismo que, a cada dia, agravam a nossa situação econômica. Se, por acaso, se criam expectativas negativas, expectativas derrotistas, elas acabam se refletindo nos preços e os especuladores estão aí para explorar possíveis dificuldades de relacionamento entre os poderes da República.

Mas posso dizer que o governo e o Congresso, independentemente de partidos, de idéias e dos candidatos que apóiam, estão juntos, como um efetivo canal de entendimento para debelar dificuldades e desfazer equívocos. Congresso e Poder Executivo estão juntos para evitar que o Brasil tenha qualquer problema maior. Esta reunião informal do futuro Conselho da República mostrou que também no relacionamento entre os poderes a obra da transição democrática está-se concluindo. Volto a acentuar que nunca o Brasil gozou um clima tão grande de liberdade e que o governo do presidente Sarney está tentando implantar no Brasil uma grande democracia, não somente da América Latina, mas em termos do mundo inteiro. Para terminar, quero mais uma vez referir-me à viagem que fiz ontem ao Nordeste. Agradecer o carinho dos alagoanos, sergipanos e baianos e dizer que continuo firme, confiante, dedicado ao trabalho e certo de que nenhum problema impedirá que o Brasil cresça e supere suas dificuldades. Ontem, à noite, ao terminar as solenidades de inauguração do pólo cloroquímico de Sergipe, tive a oportunidade de dizer, lembrando Tobias Barreto: “É mais fácil falar aos que têm fome do que àqueles que estão de barriga cheia”. No Brasil está sendo assim. Os que mais precisam, os que mais sofrem, estão compreendendo a situação de dificuldades que atravessa o País.

Os que estão de barriga cheia são os que mais especulam, os que mais resistem, são os que mais criam expectativas negativas para a nossa nação. Mas nós venceremos todas as dificuldades. Bom dia e muito obrigado a todas as brasileiras e brasileiros”. 11:42